

Com a morte dos pais, é preciso decidir com quem fica Miguel, o filho de 40 anos que nasceu com síndrome de Down. É então que o irmão – um professor universitário divorciado e misantropo – surpreende (e até certo ponto alivia) a família, chamando a si a grande responsabilidade. Tem apenas mais um ano do que Miguel, e a recordação do afecto e da cumplicidade que ambos partilharam na infância leva-o a acreditar que a nova situação acabará por resgatá-lo da aridez em que se transformou a sua vida e redimi-lo da culpa por tantos anos de afastamento. Porém, a chegada de Miguel traz problemas inesperados – e o maior de todos chama-se Luciana.

Numa casa de família, situada numa aldeia isolada do interior de Portugal, o leitor assistirá à **reminiscência** da vida em comum destes dois irmãos, incluindo o estranho episódio que ameaçou de forma **dramática** o seu relacionamento.

O Meu Irmão, vencedor do Prémio LeYa 2014 por unanimidade, é um romance notável e de grande maturidade literária que, tratando o tema sensível da deficiência, nunca cede ao sentimentalismo, oferecendo-nos um **retrato social** objectivo e muitas vezes até impiedoso.



AFONSO REIS CABRAL O MEU IRMAO

O MEU IRMAO

AFONSO
REIS
CABRAL

1911-1973

7,50€

leYa



BTS



AFONSO REIS CABRAL

nasceu em 1990. Aos quinze anos publicou o livro de poesia *Condensação*. É licenciado em Estudos Portugueses e Lusófonos, fez mestrado na mesma área e tem uma pós-graduação em Escrita de Ficção. Foi duas vezes à Alemanha em busca de uma história, a primeira das quais aos treze anos. Trabalhou numa vacaria, num escritório de turismo e num alfarrabista. Em 2014, ganhou o Prémio LeYa com o romance *O Meu Irmão*, que se encontra traduzido em Espanha e em Itália e já foi publicado no Brasil. É autor do romance *Pão de Açúcar*, que venceu o Prémio Literário José Saramago em 2019 e acaba de ser publicado na Alemanha. Escreveu ainda um livro de viagens sobre a sua travessia da Estrada Nacional 2 intitulado *Leva-me Contigo*, recentemente traduzido para inglês. Tem contribuído com dezenas de textos para as mais variadas publicações, sendo cronista regular do jornal *A Mensagem*. Em 2017, foi-lhe atribuído o Prémio Europa David Mourão-Ferreira na categoria de Promessa. Trabalha actualmente como editor *freelancer*. Nos tempos livres, dedica-se à ornitologia, faz Scuba Diving e pratica boxe.





Leya, SA

Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor.

Título: *O Meu Irmão*

© 2014, Afonso Reis Cabral e Leya, S.A.

Edição: Maria do Rosário Pedreira

Capa: Rui Garrido

Paginação: Leya, S.A.

Impressão e acabamento: Norprint, A Casa do Livro.

1.ª edição BIS: Fevereiro de 2017

2.ª edição BIS: (reimpressão): Abril de 2021

ISBN: 978-989-660-450-9

Depósito legal n.º 426 953/17

Este livro segue a grafia anterior ao Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.

*Raça de Abel, dorme, come e bebe,
Deus sorri complacientemente.*

BAUDELAIRE

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY



1950

1951

1952

1953

1954

1955

1956

1957

1958

1959

1960

1961

1962

1963

1964

1965

1966

1967

1968

1969

1970

1971

1972

1973

1974

1975

1976

1977

1978

1979

1980

1981

1982

1983

1984

1985

1986

1987

1988

1989

1990

1991

1992

1993

1994

1995

1996

1997

1998

1999

2000

2001

2002

2003

2004

2005

2006

2007

2008

2009

2010

2011

2012

2013

2014

2015

2016

2017

2018

2019

2020

2021

2022

2023

2024

2025

Isto vai passar-se no Tojal. Ora o Tojal é perto de Arouca e longe de tudo o resto.

Percorremos as montanhas e é bom deslizar com o carro no alcatrão por entre as quedas. Há impunidade nisto. Além do mais, não temos compromissos e vamos a toda a velocidade pela vida e pela estrada nestes poucos dias em que seremos livres só para nós dois.

As montanhas, como deuses, bebem água directamente das nuvens. E molham-se como deuses. Mas nada interessa, ainda que à nossa volta as nuvens entreguem um abraço ao cume dos montes. Nós só temos a estrada, e mesmo assim uma estrada batida nas bermas, gasta pela falta de uso e pelo correr da água.

Não nos lembrarmos do sistema vertiginoso esquerda-direita-esquerda e tudo ser uma surpresa só nos torna imbecis, até porque não passaram assim tantos anos. Quantos anos passaram?

Ao largo de uma curva não há nada excepto precipício. Lembro-me de o meu pai dizer que nem a alma se salvaria, presa aos destroços do carro, e além disso misturada com a lixeira que o povo largou no penhasco. Dá para imaginar o arrepio, a alma estropiada no metal e no electrodoméstico.

Mas é uma paisagem sã. Montes em vários tons de verde e pouco mais. Por vezes cruzamos uma povoação mas não se leva a sério: já ninguém vive por aqui. Está tudo deserto e oco.

Como expressar agora as árvores, ficam só «vários tons de verde e mais nada»? As montanhas assim, de pele lisa e ondulada, parecem uma mulher sem roupa, mas em verde. E ainda por cima não servem para nada. O melhor é esconder ao máximo a minha inaptidão para escrever e prosseguir.

Não estamos muito entusiasmados com esta vinda. Observo-lhe o jeito apreensivo de olhar a paisagem, como um bicho cada vez mais encurralado. O cheiro a eucalipto e o som de galhos a estalar nas rodas, algum azul que se revela quando os montes e as nuvens falham. Coisas assim em volta e nós no meio sem as vermos. É que há o medo de os anos se terem sentado na casa como num banco velho. Está com certeza no mesmo sítio, mas não da mesma forma, tal como as pessoas são as mesmas no tempo, mas nunca iguais.

É melhor pararmos. Travo o carro e pergunto-lhe

– Enjoo?

– Nao nao... – responde com um sorriso.

Arranco e dou-lhe a mão porque sei que também tem os meus medos e talvez pense o que eu penso e quem sabe sinta as mesmas saudades. Com certeza sente as mesmas saudades. Somos parecidos de modos diferentes e, dadas as circunstâncias, esta parecença é surpreendente. Como o sangue nos pode juntar e afastar no mesmo movimento.

Além de Ponte de Telhe, uma ponte da época da D. Maria atravessa o Paivô. Por baixo, o riacho é um olho de gato, de tão transparente. Vem não se sabe de onde pelo meio das falésias e desaparece numa curva quase sem ter existido. Continua em fio até penetrar o Paiva.

Esta zona de Portugal fez-se em xisto e até o barulho dos passos fere. É duro viver aqui agarrado ao pedaço mais pequeno de terra, a ver se aquilo dá qualquer coisa para comer. E as pessoas envolvem-se, dão tudo de si ao campo através da enxada. Assim como assim, a pedra torna-se fértil e volta e meia retribui

qualquer coisa – couve, milho, batata. Não surpreende que as pessoas desta zona sejam ainda muito parecidas com os mujiques de Tolstoi, apenas não constroem isbás, mas vai dar ao mesmo.

Depois de Ponte de Telhe só existe uma casa antes do Tojal, a dar para a estrada, e não é bem uma casa. Vivia lá um velho que além de beber passava a vida à janela.

Depois de este ter morrido, diz-se que caiu de podre, o meu pai e eu entrámos na casa e tudo veio para cima de nós como um soco: só havia uma divisão pobre com a tal janela pobre. Tudo disposto ao acaso como ele deixara. Uma bilha de leite a um canto, uma mesa de madeira onde repousava uma faca ainda suja de broa humedecida, terra pelos cantos aos tufos, sacos de plástico ao pé de uma cadeira tombada, uma cama com os cobertores por fazer depois de ele ter acordado morto, e acordado morto sozinho. Um martelo noutra mesa cheia de recortes de revistas e jornais começados pela palavra «Portugal».

P. dá cartas no futebol.

P. desligado no São João.

P. volta aos mercados.

P. faz tremer a Zona Euro.

P. regressa ao clube da bancarrota.

P. em recessão, ps. deprimidos.

P. sai dos mercados.

P. sobe no clube da bancarrota.

No chão, ao lado dos recortes, um barril ferrugento da Alcimar Azeitonas de Conserva. Um guarda-chuva pendurado na viga mestra e ainda um saleiro e um espelho caídos perto da cama. Não nos atrevemos a abrir a arca frigorífica, deixámo-la fechada como uma caixa de surpresas porque a surpresa é a caixa permanecer fechada.

Foi muito pior do que isto, daí eu lembrar-me do velho bêbado quando não vem a propósito. O fedor das coisas que sobram por comer era inacreditável e por isso não lhe chamaria uma natureza-morta, mas sim uma natureza evidentemente morta. Os recortes de Portugal misturavam-se com a putrefacção. O papel na carne e a carne no papel. Acho que o velho morreu porque não entregou a vida à enxada e à terra, e por isso a enxada e a terra não lha entregaram de volta.

Passamos esta última casa antes do Tojal e deixamos o velho. Será que também se lembra?

– Ha muito tempo... – responde.

E fico sem saber. Pode dar-se o caso de associar a pergunta «Lembras-te?» à ideia de passado e do passado nunca é errado dizer que foi «há muito tempo». Quero pensar que sim, que se lembra. Mas não basta lembrar, o essencial da memória é a relação afectiva que mantemos com ela e isso nem sequer me atrevo a compreender. Nunca conseguimos falar de questões abstractas. Deixei de insistir, mas verdade seja dita que nunca me empenhei muito. Porquê, afinal? Para ficarmos humilhados?

E, além disso, eu também não sei o que é o essencial da memória. Fiquemo-nos pela suspeita de que não se lembra, embora não o assuma em letra maior.

Entretanto, claro que já me largou a mão e agora dormita. A mão é áspera. A boca descai e a língua resvala quase até ao queixo, até quase abaixo do queixo. Uma língua que parece morta mas que se mexe. Dou-lhe um safanão no ombro porque temo que a morda num solavanco do carro, e ele acorda com um ar de coisa mal concluída. Digo-lhe «Estamos a chegar».

Na estrada, ao fundo, um grupo de mulheres vestidas de preto apanha umas bolinhas encarnadas que sobre o preto parecem gotas de sangue. E conversam e cantam e estafam-se a apanhar medronhos. Depois fazem aguardente, metem-na em frascos

antigos de vidro grosso com defeitos – bolhas de ar, reflexos verdes – e entregam-na aos maridos.

Os maridos que bebem e as espancam porque elas lhes dão motivos para se embebedarem e as espancaram. Bebem em conformidade com as suas vidas circulares.

Há duas viúvas, uma delas com um pano branco na cabeça e um bastão. Tem ar de curandeira, uma figura estranha nos dias de hoje. Não usa o bastão para se apoiar mas sim para bater nas outras quando não fazem o que ela quer. E bate-lhes a sério, vergando a madeira com prazer, talvez excitando-se com o barulho desta no ar. De certeza que gostaria de lhes vergastar as palmas dos pés à noitinha.

Paro, pergunto

– Estão ao medronho?

É a do bastão que responde. As outras observam o bastão a rolar-lhe nos dedos como uma moeda depois de uma aposta, cara ou coroa – sorte ou azar.

– Ah, pois claro. É a época! Mas isto já não é nada como danças. Havia bom medronho! Agora...

O povo insiste em desdenhar do que possui como demonstração de modéstia. O medronho é óptimo e há-o em cachos por todo o lado como luzes numa feira, acompanhando a estrada.

Aponta o olho para o lugar do morto, já parou de rolar o bastão, e pergunta

– O que tem?...

Aqueles olhos azuis aqui da zona a vasculhar e a lamber, mortos de curiosidade e afitos por saber o que se passa ao meu lado, quem me acompanha. Quase sou tentado a confessar tudo ou a lançar-lhe um «Deixe-se lá dessas coisas, o caso não é assim tão grave». E não é de facto assim tão grave, mas dar-lhe confiança para quê?

Não respondo. Percorro o volante com as mãos. Aperto-o. Observo o bastão.

– Não quer dar-me uns medronhos? Só para termos uma sobremesa quando chegarmos a casa.

A mais nova enfia as mãos sujas num balde de plástico e faz pingar as bolinhas para um saco. O cheiro do medronho entra no carro pela janela.

Sem mais, partimos e vejo pelo retrovisor que a mulher do bastão continua no meio da estrada a olhar para nós. Depois cruza os braços muito acima da cabeça, num gesto que não sei explicar, lançando um

– Eia! Eia!

que saiu de um ritual ou dança mas sem abanar a cintura. Não sei o que é, mas encaro aquilo como uma praga. Talvez esteja arrependida, não tinha nada que perguntar «O que tem?...».

As curvas, as pedras, as árvores e as encostas excitam a memória. Surge uma vida que vai além da água a escorrer pelo xisto, uma vida que é uma ansiedade. Como um homem que olha para uma mulher, mas a mulher não se oferece nem nada. Simplesmente deixa-se observar.

Quando vê as últimas curvas, quando reconhece os cabos eléctricos que cruzam de monte a monte, mexe-se no banco e esfrega as mãos e range os dentes. Quer tirar o cinto de segurança. Depois esfrega a cabeça e já sei que, se não fizer com que pare, vai ser uma espiral por ali acima, talvez acabando em choro.

Dou-lhe outra vez a mão. Aperto-a tal como apertei o volante, quero guiar-lhe a saudade.

– Ha muto tempo... Muto! Nao e? – pergunta-me.

– Sim, mas estamos quase a chegar. Calma. Já vai. – Convém usar frases curtas.

O Paiva revela-se depois da última curva, e ao cimo, como uma coroa na cabeça do monte, a aldeia do Tojal. Em suma, uma rua com casas de lado e de permeio. Ainda é possível ver o sulco das carroças na pedra do chão. Musgo cobre a base das portas por onde já ninguém entra. Uma ou duas tábuas atiradas para um canto. Alguns gatos que vivem nas ruínas. Mais nada.

Das catorze casas de xisto, dez estão abandonadas, três pertencem às únicas pessoas que aí vivem, um casal de camponeses e o filho, e a décima quarta – a última depois da igreja, à esquerda – é a nossa.

O Tojal é pouco mais do que isto. A senhora Olinda está à minha frente com a mão na cintura, quase dentro dela. Quieta, ainda não percebeu que somos nós dentro do carro. Olha-nos de lado como um pássaro. Não sai da frente, mas aos poucos o movimento do corpo diz que sim, que já nos reconheceu. Berra «Não me acredito!». Envelheceu e não usa soutien. Mantém um ar sólido enquanto tudo abana. Os braços de baixo para cima, a barriga a dançar e o peito em frente apontando para nós.

A boçalidade é uma forma de incompreensão e eu acho que assim, sem soutien e espevitada, a senhora Olinda corresponde melhor ao pouco que a conheço. De facto, não sei se usa soutien, apenas que o tecido deixa antever o que de outro modo não seria perceptível.

– Ai, mas que vocês não vinham! Pára aí, pára aí o carro, que eu vou chamar o meu Aníbal. Ô Aníbal, anda cá ver! Eu não chamo o nosso Quím, que ele hoje está mal, mas pronto. Está no quarto. De cama... Aníbal!

O marido não aparece, deve andar por aqueles sítios aos quais deram nomes como O Cabo do Lugar ou A Beira de Lá. Estou contente por a encontrar, mas quero sobretudo rever a casa – embrulhar-me nela numa ternura de dois amigos que se reencontram.

– Mas então que vieram cá fazer? Deixem lá o Aníbal, ele também não percebe nada. Vou-vos dar ali alfaces que tenho e

com este tempo estão bem fresquinhas. Ai, mas eu não consigo, dá-me cá um beijo!

E enfia a cara cheia de pêlos na janela.

À custa da distância social, nunca me tinha dado um beijo. Agora que deu, em vez da distância há uma feira de cuspo a escorrer-me pela bochecha. Limpo-a com a manga.

Digo-lhe que viemos matar saudades, tirar o pó à casa. Mas também não queremos ficar muito tempo. Apenas uns dias. Ver o Tojal por dentro outra vez, não só imaginar o Tojal. Ou ter saudades do Tojal.

– Mas é por causa... – e aponta o olho, como a outra velha.

Digo-lhe que não e ela desata numa algaraviada impossível de descrever. Queixas: o marido, o filho, a vida. Sobretudo o campo e o filho. Sobretudo a vida em geral.

É estranho que fale a minha língua, não se percebe nada entre regionalismos e grunhidos de alegria e tristeza.

Ao fundo, um homem baixo e coeso, género empilhadora, dirige-se para nós e, chegando, tira o boné verde dos Jogos Santa Casa e apoia a mão na porta.

O senhor Aníbal é daquelas pessoas pim, pam, pum. Ouve pim, faz pum. Ouve pum, faz pam, e por aí fora. Não é pois muito inteligente. As suas frases preferidas são «Então vá» e «Tenho muito que fazer», mas de resto nunca vai nem nunca faz. O nariz está desfeito pelas bexigas e embebido de vinho. Cara de areia mijada, à Camilo.

Diz olá, admito que com alguma alegria, e depois conclui

– Então vá, tenho de ir ali à frente.

seguinte a rotina. Enfia o boné dando palmadas na cabeça. Palmadas fortes de mais. Nada o afecta porque não tem capaci-

dade para ser afectado. Quebra apenas o dia-a-dia para contar uma anedota, mas conta-a falhando no contexto e no ritmo. Ninguém ri.

É o que se chama viver em três pontinhos.

A casa deles fica à esquerda, um pouco antes da nossa. Numa das varandas, um matagal de orquídeas que a senhora Olinda trata como filhas, ou pelo menos como meninas às quais endireita os botões do vestido para que fiquem bonitas.

Na frincha da porta surge uma figura magra, um fiozinho de gente a extinguir-se no escuro, do qual vejo unicamente com clareza a ponta da bota. Sim, a ponta do raio da bota. Sorrio-lhe mas ele não responde e fecha a porta depois de mostrar uma mão tumefacta. E essa mão, pelo menos, encena o gesto de olá ou adeus, não sei. Conheço-o mal, mas o Quim é mesmo assim: uma mão tumefacta e a ponta de uma bota.

A nossa casa fica a oitenta metros, depois da igreja. A casa chama-nos, a senhora Olinda prende-nos, mas arrancamos. Haverá mais conversa.

À direita, o campo onde estaciono leva ao cemitério. À esquerda, um carreiro conduz à várzea e ao rio. De resto, nada conduz a nada. Sobre o lado do monte, a nossa casa permanece igual.

No terraço em frente da entrada sobrou apenas o abandono. O tempo cobriu-o com uma camada de folhas, restos de azeitonas e vestígios de figos numa espécie de cobertor morto e vivo.

Abro a porta e deixo que passe à frente. A sala com kitchenette solta um cheiro quieto, mas continua tudo igual – pequeno e bem arranjado. Os meus pais investiram a pulsão de uma vida a decorar o Tojal. Compraram a casa poucos anos antes da reforma do meu pai. Foi mais ou menos como demonstrarem que uma casa nova representava uma maneira renovada e

sempre apaixonada de viverem juntos, e isso testemunhava-se pela junção dos objectos.

Alguns objectos. Na parede principal da sala, dois casais dançam ao som de um gramofone Decca «made in London». Dançam sempre os mesmos passos porque são figuras num poster de cartão. À direita, no canto, bengalas e bordões dentro de um bengaleiro. No topo dessas bengalas e bordões, quatro chapéus, dois deles Panamá, mas rotos. À esquerda dos dançarinos, no outro canto, uma lareira por cima da qual o bacalhoeiro Ismael oferece o bombordo. À frente da proa, uma figura chinesa fixa sempre o mesmo ponto com olhos de porcelana. No braço do sofá, a pele de uma raposa sem cauda. A meio da sala, escadas para o andar de cima. Do outro lado das escadas, a cozinha forrada com restos de azulejos do século XVIII. Incrustado no topo das escadas, um globo de bronze do cinema Monumental. O andar de cima é mais vazio, só tem um Cristo partido pendurado no hall que dá para os quartos. Um Cristo sem braços e sem a perna direita. Também sem cabeça.

Depois de entrar segurando a minha mão, olha para mim e abre um sorriso nos olhos meia-lua, entre constrangido e alegre. Range os dentes de felicidade ou susto ou não sei o quê.

Senta-se no sofá levantando o pó. A barriga enrola-se em dois altos encostados um ao outro. Os dedos simulam um estalido quase imperceptível; repletos de calos, têm o mesmo comprimento. As orelhas diminutas sobressaem no cabelo curto. A camisola justa ao pescoço e as mangas reviradas. Os olhos denunciam o aspecto estrangeiro. Não se consegue controlar, mexe-se com ansiedade.

Apesar de parecer uma criança envergonhada de dez anos a mexer os dedos e a fazer salamaleques, é bem o meu irmão, na casa dos quarenta, um pouco para o gordo e, claro, mongolóide.

Do que eu me lembro. De subir uma escada em caracol acompanhado pelas vozes das crianças. Era um ATL, embora na altura não lhe chamassem assim, e eu ia buscar o meu irmão ao segundo ou terceiro andar. Ficava numa das casas típicas do Porto, muito altas e estreitas, corredor ao centro, divisões pequenas, frente à Praça de Liège. A escada parecia um precipício virado para cima, só olhá-la metia vertigens. Mas, como era um desafio, o sentimento de que o meu irmão precisava mesmo de mim dominava-me, e eu subia dois a dois sem respirar.

Ele tinha sete anos.

Haviam pendurado ao longo da escadaria desenhos feitos pelas crianças. Folhas brancas com casas geminadas e árvores e riscos que representavam pessoas e sóis, embora aquelas crianças vivessem em apartamentos e as árvores que conheciam se parecessem com arbustos. E também desenharam o pai e a mãe de mãos dadas, apesar de muitos não terem pai ou mãe, ou pai e mãe de mãos dadas. Nos cantos inferiores, as assinaturas. Já sabiam escrever o nome com as vogais muito abertas.

O meu irmão não contribuiu com um desenho. Apenas muitos anos depois, quando a Augusta lhe deu um jogo de pintura, ele começou a desenhar, mas já éramos adolescentes. Desenhava casas geminadas e árvores e riscos que representavam pessoas e sóis, embora não soubesse assinar com